

ORÁCULOS, PROFECIAS, SONHOS E VISÕES NA *ENEIDA*, DE VIRGÍLIO¹

Camila Bylaardt Volker (UFMG)
camilabyla@gmail.com

A ideia de trabalhar com os oráculos na *Eneida* surgiu do estranhamento provocado pela distância entre a época em que Eneias viveu (por volta do séc. XII a.C.) e a época em que a obra foi escrita (2ª metade do séc. I a.C.). A partir disso, resolvi fazer um estudo mais profundo sobre esse assunto e traduzir as profecias, oráculos, sonhos e visões presentes na *Eneida*. Pronta a tradução, realizei um estudo sobre as profecias e os oráculos, assunto que será discutido nesse artigo que ora apresento.

Encontramos na *Eneida* quinze trechos que podem ser considerados como oráculos. São sonhos, visões, profecias e oráculos que anunciam o futuro de Eneias e o futuro de Roma. Foi necessário, então, analisar e problematizar cada um desses trechos, de modo a compreender qual era o tipo de divinação que ali se encontrava. Cotejando uma reflexão teórica sobre os trechos com um estudo inicial da poética neles implícita, procurei estabelecer as características dos oráculos, sonhos, visões e profecias no texto. Começamos, então, por analisar os oráculos.

1. Os oráculos

A primeira definição de oráculo a ser utilizada aqui é a Jolles: “local sagrado, em que se pode, mediante uma pergunta, obrigar o futuro

¹ Esse texto foi construído com base na monografia apresentada para a conclusão de minha graduação como bacharel em língua latina pela UFMG, em 2004, e apresentado XIII Semana de Letras da UFAC em 2011. Gostaria de agradecer aqui a minha orientadora Sandra Maria Gualberto Blanchet, pela leitura atenciosa e revisões de tradução.

a fazer-se conhecer ou, melhor dizendo, pode-se criar o futuro na pergunta e na resposta” (1930, p. 88).

Segundo Plutarco (402E), o oráculo possui uma ligação íntima com a palavra e com a vontade do deus de nos fazer conscientes de algo que por outra maneira não conheceríamos. Deve-se, entretanto, fazer algumas ressalvas ao caráter pretensamente verídico do oráculo: além de ser deturpado pelos nossos ouvidos doentes, o oráculo é adulterado por um corpo mortal e uma alma humana – a Pítia.

A definição de Plutarco relaciona a existência do oráculo com a existência de um deus que sabe mais que os humanos e pretende dar-lhes um tipo específico de conhecimento. Plutarco explicita que a palavra divina pode ser deturpada tanto pela pessoa que a transmite, quanto pela pessoa que a escuta (397C). Em outras palavras, pressupõe que o homem possui um destino, algo que já está marcado e que pode ser descoberto mediante certos mecanismos, entre eles, o oráculo.

Já a definição de Jolles não é tão específica quanto a anterior, uma vez que não aborda o problema da transmissão e da ligação com o divino. Na verdade, segundo Jolles é a pessoa quem coordena todo o processo oracular, independente da vontade divina. Se pensarmos segundo essa definição, o oráculo assegura ao ser humano o controle sobre a própria vida, mesmo que esse controle se dê de forma ingênua ou inconsciente. Temos aí a definição do oráculo como algo que assegura o livre arbítrio.

Não vamos aqui nos deter nas consequências diretas e indiretas que acompanham a crença no livre arbítrio ou no destino; mas é importante perceber que a entidade oráculo, na *Eneida*, está diretamente ligada ao *fatum*, substantivo neutro, utilizado em diversas predições do futuro para revelar a Eneias um destino que já estava estabelecido, mas ainda lhe era desconhecido.

São quatro momentos em que Eneias tem acesso à palavra oracular: no oráculo de Apolo (III, 94-98), no oráculo de Heleno censurado por Juno (III, 389-395), no oráculo de Sibila (VI, 83-97) e no oráculo de Fauno (VII, 96-101). Nesses momentos, podemos perceber a diversidade das técnicas oraculares – predição através da imolação de novilhos, inspiração de influxos, do sonho. Em todos os santuários Eneias recebe predições do seu destino imediato – casamentos a se fazer ou a se evitar, guerras, inimigos, “*a antiga mãe*” (III, 96) que o acolheria de volta no local onde suas andanças teriam termo.

Os oráculos orientam Eneias fazem com poucas referências ao futuro de Roma, e orientam o herói em relação a assuntos específicos, diretamente ligados com suas viagens e provações:

Quando sozinho junto às obscuras águas do rio/ Sobre uma imensa árvore da praia/ Uma porca branca deitada com uma ninhada de trinta filhotes encontrares./ Cercada pelos alvos filhotes mamando./ Aí será o local da cidade, aí o repouso dos teus trabalhos (*Aen.*, III, 389-393)¹.

2. *As profecias*

Nas palavras de Plutarco, “um homem habilidoso nas conjecturas geralmente é um excelente adivinho” (399A). A predição, que exprime o que não existe, com o erro que lhe é inerente, não tem como esperar a sua confirmação na sorte, já que a infinidade de possibilidades produz todo o tipo de acontecimentos.

Para Jolles (1930, p. 94), “a profecia é a predição que se verifica, a predição verídica, a ‘veridicação’”. O autor acrescenta ainda que a profecia geralmente remete a uma situação particular e se extingue com a solução de cada caso.

A etimologia da palavra nos atesta apenas que profecia é aquilo que é dito antes: de *pro* – antes + *phêmi* – dizer, manifestar, anunciar, contar, pensar, crer.

Enquanto o oráculo está ligado diretamente a um deus e à verdade, a profecia assume um caráter humano e falho. Plutarco toma a profecia como uma tentativa humana de conhecer aquilo que só os deuses conhecem. Essa tentativa carrega consigo a imperfeição; ela tanto pode tentar a adivinhação se baseando no que é provável, quanto fugindo completamente das probabilidades, se atando ao impossível ou catastrófico. A definição de Jolles segue outro rumo e aproxima a profecia da verdade. Para ele não existe a possibilidade de uma profecia falsa, uma vez que ela é, em essência, uma realização.

Temos três profecias na *Eneida*: a previsão que o próprio Eneias faz no canto I (198-207), procurando animar os companheiros de viagem para o futuro feliz que os espera; a previsão que Creusa, primeira mulher de Eneias faz, como espírito, para que o esposo desista de procurá-la na Troia incandescente e fuja (III, 776-789); e a maldição profética que a

¹ Todas as traduções da *Eneida* presentes no artigo são de minha autoria.

Harpia Celeno, profetiza de infortúnios, lança à tripulação troiana, que tentou matá-la (III, 245-257).

Essas três profecias, assim como os oráculos, são bastante específicas, e anunciam um futuro imediato, que o próprio Eneias chegará a conhecer; aí estão previstas a fundação da cidade, a mulher latina de Eneias, a fome e as guerras que assolarão os troianos ao chegarem ao Lácio.

3. *Os sonhos*

A definição de sonho aqui é relativa aos sonhos que Eneias teve em estado de sonolência. Os sonhos descritos são proféticos, ajudam o herói a chegar em Roma. Eneias tem cinco sonhos: um com Heitor, ainda em Troia (II, 289-297); outro com os Penates, em Creta (III, 147-171); um com Mercúrio, em Cartago (IV, 553-570); outro com Anquises (V, 721-739); e o último com o velho do rio Tibre (VIII, 36-65). Em todos esses sonhos, temos Eneias aconselhado por mortais (Anquises e Heitor) e por divindades (o deus Mercúrio, o Tibre e os penates).

Os sonhos não são conjecturas feitas por quem pretende conhecer o futuro. Eles são predições que se verificam, pois de fato, tudo o que os sonhos dizem são de extrema importância, e, no último sonho, o velho do Tibre diz: “não penses [que] este sonho [é] vão” (*Aen.*, VIII, 42).

O primeiro sonho com Heitor o incita a sair de Troia e a levar com ele os objetos sagrados, os Penates, e formar uma nova cidade. O sonho com os Penates e o sonho com Mercúrio avisam a Eneias que ele se estabeleceu no lugar errado – “Não [são] estas praias que Apolo de Delos te encorajou a procurar, ou ordenou que te estabelecesses em Creta” (*Aen.*, III, 160-162). Por outro lado, quando o herói finalmente atinge o lugar predestinado, o velho do Tibre vem confirmar ser ali o local da fundação de Roma – “Aqui é certamente tua casa, tens aqui teus (não desistas) penates” (*Aen.*, VIII, 39). Já o sonho com Anquises é um prenúncio da passagem que Eneias fará pelos Campos Elísios, no livro VI, onde o pai lhe instruirá sobre “toda a raça dos teus e das muralhas [da cidade] que te será [concedida (*Aen.*, V, 736-7)]”.

Esses sonhos, então, começam aos poucos a prenunciar um futuro que o próprio Eneias não conhecerá; é o futuro que as gerações originárias dele realizarão, a grandeza de Roma e seus governantes. O primeiro impulso para sair de Troia foi dado pelo sonho com Heitor, e os outros sonhos guiam Eneias para um destino glorioso.

4. As visões

A definição de visão mais interessante aqui seria aquela relacionada à acuidade de percepção. O sentido da visão geralmente é eleito, em detrimento dos outros, como o que melhor nos fornece uma abrangência do todo. Não é por acaso que visão sempre é utilizada nos sentido de percepção, compreensão, entendimento. O texto de Virgílio carrega também essas ideias. Os trechos aqui classificados como visões se distinguem dos outros pela acuidade nas previsões e pela capacidade de relatar os fatos de maior precisão histórica, ao contrário dos outros que tendem a fazer previsões relacionadas ao *fatum* do próprio Eneias, que participam da verossimilhança interna da narrativa, mas não possuem o aval da história.

São dois momentos em que Eneias vê o futuro: no seu encontro, em passagem pelos Campos Elísios, com a futura geração de chefes romanos (VI, 756-759), e quando contempla o próprio escudo, forjado por Vulcano (VIII, 626-654; 678-681; 685-688; 714-717).

Eneias desce aos infernos, guiado por Sibila, depois que ela lhe vaticina o futuro; ao ver toda a geração dos chefes romanos, Eneias não pode mais duvidar da importância do cumprimento de seu destino, pois o futuro portentoso de Roma, encarnado nas imagens, depende de seu sucesso.

A descrição do escudo de Eneias foi inspirada na descrição do escudo de Aquiles, na *Ilíada*. Os escudos são feitos pelo mesmo deus ferreiro Hefesto ou Vulcano. A razão dos escudos também é a mesma: Tétis pede a Hefesto armas para protegerem seu filho Aquiles, da mesma forma que Vênus pede a Vulcano armas para o mesmo fim. Existem algumas diferenças dignas de serem notadas. A primeira diferença não está propriamente no escudo, mas na maneira como cada autor descreve o ferreiro. Homero o coloca como “*ferreiro engenhoso*” (*Ilíada*, XVIII, 484), “*artífice ilustre*” (*Idem*, 615) e “*Hefesto potente*” (*Idem*, 618). Já Virgílio se utiliza apenas um epíteto, que define até a concepção em que o escudo é moldado: “*deus que governa o fogo, conhecedor do futuro e dos destinos revelados pelos oráculos*” (*Aen.*, VIII, 627).

Os dois escudos são exemplarmente detalhistas no que neles foi grafado, mas enquanto o Hefesto de Homero grava os astros, a vida ordinária nas cidades, a atuação dos arautos, a iminência de uma guerra, os campos, as vinhas, a terra e o oceano, o Vulcano de Virgílio grava episódios importantíssimos da história de Roma. As diferenças também aparecem na leitura. O leitor não vê o escudo de Eneias, ele o conhece posteri-

ormente quando Virgílio o descreve como um oráculo grafado em imagens.

Segundo Costa Lima, a contemplação dessas imagens do futuro por Eneias pressupõe um congelamento do tempo:

Assim como o passado, para Enéias também o futuro se cristaliza em permanência. A imagem congelada será um dos meios mais eficazes para romper a incerteza do piedoso aventureiro, ou melhor: *um meio para cortar na raiz a possibilidade de reconhecimento do ficcional*. (2006, p. 221)

Ao contemplar o escudo ou mesmo a futura geração dos chefes romanos, Eneias não tem como duvidar ou mesmo interpretar erroneamente o que vê. O futuro é materializado e não há possibilidade de dele escapar. Convém notar, porém, que, mesmo assim, Eneias desconhece o futuro que lhe aguarda e tal desconhecimento é fundamental para que ele consiga cumprir o próprio *fatum*. Se ele soubesse que seria vitorioso e que os deuses vigiavam e subsidiavam a sua vitória, não teria ardor ou empenho nos combates.

5. Conclusão

Virgílio inscreve o futuro de Roma em suas previsões; o que o oráculo prevê de fato existiu, mas a previsão em si é criação do poeta. O futuro de Roma é dado e as previsões são criadas de maneira a coincidir com esse futuro; elas não podem abandonar a história e as lendas de Roma. Por isso, as revelações oraculares tanto conduzem quanto são conduzidas pela história. Elas auxiliam Eneias em sua saga, mas também são vítimas da trama e não vaticinam nada que escape dos “desígnios divinos”. Dido, por exemplo, não foi contemplada em nenhuma previsão, enquanto que a esposa latina foi mencionada já no livro III: “*reino e esposa real esperam a ti*” (*Aen.*, III, 783). Mesmo sendo mais marcante a participação de Dido no enredo, ela ficou renegada a apenas um sonho com Mercúrio, que aparece para apressar a partida de Eneias.

Jean-Paul Savignac escreve sobre os oráculos:

Essa obscuridade do oráculo é uma simplicidade. Ela resolve a dificuldade que se põe ao destino de responder em urgência o futuro, pois ele assim designado é e não é, como são as coisas que virão. O que deve acontecer existe na medida em que, como diz Plutarco sobre o julgamento hipotético, *nada se produz sem causa e nada é predito sem razão*. (187B) (1989, p. 15).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

A palavra do oráculo, então, é obscura e ambígua desde o seu princípio, pois a urgência do futuro faz com que a responsabilidade em relação à veracidade do proferimento fique a cargo do consulente, ou melhor, da interpretação – o oráculo não erra; quem erra é o consulente ao interpretá-lo. Quando o oráculo é referente a um contexto perigoso, a ambiguidade é imprescindível, ainda mais quando se trata da fundação de uma nação. Vejamos, então, como Virgílio consegue de uma maneira particular apresentar essa ambiguidade.

O conteúdo das profecias recebidas por Eneias não é ambíguo, pois não é possível o ser, já que o Império romano não é ambíguo, muito menos o *fatum* de Eneias. As personagens da epopeia não têm dúvidas quanto à forma dos oráculos – são oráculos legítimos, portadores de palavras proféticas. Nós, leitores, somos enganados pela forma, mas não o podemos ser pelo conteúdo, pois percebemos o anacronismo, percebemos a precisão, percebemos que os oráculos não dão margens a outras interpretações.

A ambiguidade própria do oráculo fica explícita quando vemos que foram moldados obscuramente, para criar no leitor a identificação com o “gênero” oracular, mas se denunciam como “não oráculos” quando se valem de elementos de uma época distante da que teriam sido pronunciados e não dão margem a interpretações diversas.

Quando Eneias, um herói recém-saído de Troia, vai até a Sibila, o que ele vê em Delfos são estátuas e esculturas que só são encontradas no último século da República, como é explicitado na análise de Bellessort (1949, p. 227). O mesmo acontece durante a descrição do escudo de Eneias, que sendo um oráculo, é também um precioso relato da maneira como se forjavam escudos na época de Virgílio (BELLESSORT, 1949, p. 228).

Existe ainda algo há ser comentado: o oráculo de Apolo. O deus aponta a seguinte direção a Eneias:

Fortes Dardânios, a terra que primeiramente produziu a estirpe de vossos parentes, ela vos acolherá de volta no próspero seio. Procurem a antiga mãe. De lá toda a orbe será dominada pela casa de Eneias e pelos nascidos dos seus filhos e pelos que nascerão deles. (*Aen.*, III, 94-98).

Ainda que as palavras desse oráculo tenham sido confusas e mal interpretadas pelas personagens do livro, o seu aparecimento no texto e a própria interpretação errônea confirmam a hipótese de que na *Eneida* os oráculos não se constroem com ambiguidade. Mas Virgílio não poderia

retirar completamente a ambiguidade do oráculo e nem retirar o erro inerente às ações humanas. O deus não erra, já que consegue unir o princípio com o fim, conhece a própria origem e a origem dos homens. O homem, entretanto, ao se deparar com um oráculo não é capaz de destilar o significado imediato de tais palavras e, sendo assim, erra.

Mesmo quando, em uma análise mais profunda, os oráculos denunciam a própria ficção, essa ficção mostra o trabalho do autor para confeccioná-los. Porém, quando se definem desta maneira, eles acabam sendo também vítima da trama, pois com a forma definida, faltaria definir lhes o conteúdo, que não pode ser outro além do Império de Augusto. Pensando em Virgílio como um partidário e contemporâneo de Augusto, vemos que nenhum outro estadista é tão vangloriado e que o principal rival, Marco Antônio, é desqualificado. Virgílio coloriu, segundo certas intenções políticas, um presente glorioso da cidade narrando como tudo fora previsto e arquitetado por uma força divina que desde sempre queria esse futuro glorioso da nação romana. Nas palavras de Blanchot (1984):

Na luz que atravessa muitos de seus versos, deixa-se pressentir a aproximação misteriosa do fim. Dir-se-ia que o tempo retrocede em Virgílio, esse poeta de cultura, de engenho e perfeição, muito distante, ao que parece, de toda adivinhação inspirada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELLESSERT, André. *Virgile: son ouvre et son temps*. Paris: Librairie Académique Perrin, 1949.

BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. Tradução de Maria Regina Louro. Lisboa: Relógio D'Água, 1984.

_____. *O espaço literário*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

BRANDÃO, Jacyntho Lins. *A poética do Hipocentauro: identidade e diferença na obra de Luciano de Samóstata*. Tese de doutoramento, 1992.

_____. *Antiga musa: arqueologia da ficção*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2005.

CONFORD, F. M. *Principium Sapientiae: as origens do pensamento filológico grego*. Tradução de Maria Manuela Rocheta Santos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1981.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

FARIA, Ernesto. *Dicionário escolar latino-português*. Rio de Janeiro: MEC/FAE, 1992.

HOMERO. *Ilíada*. Tradução em versos de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Edições de Ouro.

_____. *Odisseia*. Tradução em versos de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Edições Atena.

HUTCHEON, Linda. *Narcissistic Narrative: the metafictional paradox*. Waterloo: Wilfrid Laurier University Press, 1980.

IVO, Oscarino da Silva et al. *Latim fundamental*. Belo Horizonte: UFMG/PROED, 1987.

JOLLES, André. *Formas simples*. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1930.

LIMA, Luiz Costa. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.

MAFRA, Johnny José. *Sonho, mito e realidade: a propósito do sonho profético de Enéias*. Rio de Janeiro: SEPE, 1985.

MICHULIN, A. V. *História da Antiguidade*. Lisboa: Centro do Livro Brasileiro.

PLUTARQUE. *De Pythiae Oraculis*. Texte établi et traduit par Robert Flacelière. Paris: Les Belles Lettres, 1974.

SEGAL, Charles. *Art and the hero: participation, detachment, and narrative point of view in Aeneid 1*.

VERGÍLIO. *Eneida*. Versão portuguesa em prosa por Leopoldo Pereira. Lisboa: Melhoramentos, 1977.

_____. *Eneida*. Tradução de Tassilo Orpheu Spalding. São Paulo: Cultrix, 1981.

VIRGIL. *Aeneid*. Edited with introduction and notes by R.D. Williams. London: MacMillan Education Ltd, 1972.